

I Encontro de iniciação à prática docente

RELATO DE EXPERIÊNCIA DA MONITORIA EM LINGUÍSTICA

Abdoral Inácio da Silva – UAL/CFP/UFCG
Dr. Fátima Maria Elias Ramos (Orientadora) - UAL/CFP/
UFCG.

RESUMO: O objetivo desta comunicação é relatar a nossa experiência como monitor da disciplina Linguística I, II e III, vinculado ao Projeto de Monitoria da UAL – “Projeto Trilhas: Autonomia e Identidade Profissional”, do Curso de Licenciatura Plena em Letras da UAL/CFP/UFCG, durante os períodos letivos 2009.1 e 2009.2. Dentre as atividades realizadas, assistimos às aulas dos professores ministrantes; atendemos, individualmente ou em grupo, os alunos para esclarecer dúvidas acerca do conteúdo estudado na disciplina; desenvolvemos estudos e participamos de encontros quinzenais com a orientadora. No que se refere às dificuldades que surgiram durante a vigência da monitoria, consideramos a falta de um espaço físico para abrigar os bolsistas e para atendimento aos alunos como um obstáculo a ser superado. De modo geral, a monitoria é uma experiência enriquecedora de incentivo à prática docente.

Palavras-chave: Linguística. Experiência. Docência.

O objetivo deste relatório é apresentar um breve relato das atividades que desenvolvi na disciplina Linguística I, II e III, durante a vigência da monitoria, nos períodos letivos 2009.1 e 2009.2.

O Projeto de Monitoria da UAL: **Projeto Trilhas: Autonomia e Identidade Profissional**, possibilitou-me participar do processo seletivo para a monitoria que aconteceu numa primeira etapa e não houve aprovados, mas numa segunda seleção, obtive aprovação. Assim, em sintonia com o objetivo desse projeto da UAL e ciente da importância dessa atividade para mim, procurei aprofundar-me nos assuntos da Linguística, já estudados durante o curso.

Após aprovação na seleção, apresentei-me às turmas da disciplina Linguística I e II, ministradas pela professora Márcia Candeia Rodrigues, sendo Linguística I, no turno da manhã; Linguística II, à noite, e Linguística III, pela manhã, ministrada pela professora Fátima Maria Elias Ramos. Após esse contato, assisti às aulas para facilitar a interação com os professores e alunos e, assim, as dificuldades dos alunos que, eventualmente, surgissem, fossem já do meu conhecimento.

No que se refere à orientação do período 2009.1 foi difícil, já que o meu orientador foi o Professor José Wanderley Alves de Sousa que não dispunha de tempo para atender-me. Dentre as dificuldades que surgiram durante a vigência da monitoria, nesse período, considero a falta de um espaço próprio para estudo dos bolsistas e atendimento aos alunos como um obstáculo a ser superado.

Durante o período 2009.1, atendi principalmente os alunos de Linguística de I, pois são os que têm mais dificuldades de entender a disciplina. Os estudos de Saussure, quanto ao Estruturalismo, as dicotomias, a arbitrariedade, a convencionalidade, todo esse conteúdo é novo para o aluno que inicia o curso de Letras. Por isso, todos os alunos me procuraram para tirar dúvidas e todos foram atendidos dentro das limitações de horário e espaço, já que era uma turma numerosa de mais de 40 alunos.

Em relação à Linguística II e III, o atendimento não foi feito a todos, pois as dificuldades já não foram como as de Linguística I.

I Encontro de iniciação à prática docente

Diante disto, considero que os objetivos da monitoria do período 2009.1 foram atendidos de modo satisfatório, pois os alunos que procuraram atendimento receberam orientações que, segundo eles, ajudaram a esclarecer as dúvidas que tinham sobre o assunto.

No período 2009.2, as disciplinas são ministradas por três professores diferentes: Linguística I, Márcia Candeia Rodrigues, Linguística II, Onireves Monteiro de Castro e Linguística III, Fátima Maria Elias Ramos. Nesse sentido, as dificuldades foram ampliadas porque se exige do monitor atender aos alunos de três disciplinas, com conteúdos diferentes.

No atendimento aos discentes, a metodologia utilizada é basicamente esclarecer as dúvidas que os alunos têm em relação ao conteúdo ministrado pelos professores. Geralmente, essas dúvidas são esclarecidas expositivamente e oralmente, em outras situações, de forma escrita, quando se trata de ajuda em trabalhos. Isso é feito de acordo com o horário de trabalho disponibilizado pelo monitor e o horário conveniente para o aluno.

Acrescenta-se ainda, orientações complementares que fiz, além do conteúdo oferecido pelo professores, para aprofundamento nos assuntos sobre o Estruturalismo, Formalismo, Funcionalismo, Análise do Discurso e Sociolinguística. Em outras situações, as dúvidas eram discutidas de maneira informal, tornando-se assim uma atividade na construção de nossa identidade e interação, contribuindo para o meu aprimoramento como monitor e do aluno com avanço na aquisição de um domínio maior do assunto. Dentro dessa dinâmica de troca de experiência, o pensamento de Bakhtin (2006, p.116) fundamenta essa concepção de que: “[...] A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é a função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se for inferior ou superior na hierarquia social, [...]”

A retomada das dúvidas pelos alunos para trazê-las ao monitor é uma oportunidade valiosa, para que nesse processo de interação seja possível estabelecer o dialogismo entre professor – monitor – aluno.

Particularmente, no período 2009.1, não houve possibilidade de aplicação de uma metodologia definida por critérios mais específicos, como reunião com o orientador, já que ele ministrava outra disciplina, mas considero que, diante das adversidades, posso concluir que a vivência da monitoria foi proveitosa. Já no período 2009.2, com o acompanhamento da orientadora da disciplina facilita a interação entre o monitor e a professora e, além disso, as reuniões de estudo que acontecem quinzenalmente.

A respeito de uma reflexão sobre a importância da monitoria de Linguística foi enriquecedora para mim, pois ao ingressar no curso de Letras no período 2006.2, tive muitas dificuldades na disciplina Linguística I, em razão disso, a minha primeira avaliação foi muito baixa, mas, durante o semestre, consegui superar minhas limitações e ser aprovado.

Para minha surpresa, agora como monitor, observei que as minhas dificuldades são comuns aos alunos que ingressam na Universidade, ao cursarem essa disciplina. Após essa experiência na monitoria, constatei que há uma possível causa para isso, é o ensino médio que não prepara ainda o aluno para essa nova perspectiva de ensino da língua, pois como afirma Gregolin (2007, p. 67: “[...] Com as ideias de sociolinguística, passou-se a exigir a reflexão sobre as diferenças entre o oral e o escrito; sobre os diferentes registros; as diferentes modalidades no uso da língua”. E não apenas priorizar o ensino da língua a partir da normativa que considera a língua somente do ponto de vista da escrita, bem como de uma visão dicotômica de certo/errado. Diante desse

I Encontro de iniciação à prática docente

panorama, é que a atividade de monitoria, no curso superior, abre caminho para essas novas discussões e o docente, que está se formando, tenha uma base de conhecimento mais sólida e ampla no uso efetivo da língua, considerando-a do ponto de vista da escrita e da oralidade.

Uma das saídas que apontamos para incluir o estudo da oralidade é o conhecimento das variedades da língua, estudo mais dinâmico e relativamente recente. Embora, Saussure desde o **Curso de Linguística Geral** de 1916, apontava essa dimensão social da língua, quando afirma: “A língua constitui uma instituição social” (SAUSSURE, 1995, p. 24). Esse autor entendeu a língua como estrutura, como sistema, já pensava a língua numa perspectiva social, mesmo que o indivíduo não pudesse efetuar mudanças significativas nesse sistema.

Nessa perspectiva, o estudo da língua que não considera a diversidade, a variação será reducionista, pois não considera a língua como fenômeno social e a sociedade em constantes transformações. Em uma visão reducionista de estudo o que se observa é a predominância de uma norma linguística, considerada por um grupo, como a mais correta e, em consequência, as outras incorretas ou menos importantes e, assim, temos a discriminação instituída a partir do uso da língua.

Essa é uma visão muito limitada de estudar a língua e, dessa maneira de pensar, surge a ideia de homogeneidade nos estudos da língua, sendo uma visão normativa e limitadíssima de perceber as diversas possibilidades de uso efetivo da língua, enquanto a visão heterogênea é bem mais compatível com a realidade linguística inerente a língua, assim cabe aqui lembrar a visão de Faraco (2007, p. 29) que afirma: “[...] adquirir familiaridade com as variedades cultas [...] é antes de qualquer coisa, adquirir familiaridade com as práticas socioculturais da escrita”. A atividade de monitoria se vislumbra como uma prática docente, é uma oportunidade valiosíssima para absorver-se essa nova visão heterogênea que norteia os estudos linguísticos.

Como resposta a essa modalidade formada numa visão reducionista, os docentes devem ter a preocupação de ver a língua como uma extensão das diversas faces da sociedade, como lembra Gregolin (2007, p.76): “[...] o ensino de língua de uma perspectiva discursiva pode levar o aluno à reflexão sobre a ordem da língua, sobre o seu funcionamento na sociedade”. É essa modalidade de ensino que determina o respeito à diversidade de usos da língua nas mais variadas situações. As práticas docentes devem se adequar a esses novos rumos apontados por essas novas concepções que consideram as diversidades como base para ampliar e dominar uma nova variedade, isso é mais desafiante, pois torna-se imperativo conhecer a fundamentação desses novos estudos. Estes têm como fundamento princípios científicos e, por isso, Travaglia (2007, p. 111), destacando a importância da Linguística como ciência, afirma: “[...] uma ciência se torna relevante quando suas descobertas são capazes de afetar e/ou de modificar a vida das pessoas [...]”.

Assim, as práticas docentes jamais poderão se afastar desse caminho que considera a língua como objeto de estudo diversificado. Ainda podemos acrescentar o que pode mudar ou afetar a sociedade. Não é difícil levantar hipóteses bastante consistentes para fundamentar o significado do que isso representa em mudanças estruturais no ensino de línguas. Um exemplo que podemos citar é a dificuldade que muitos alunos encontram na produção de um texto escrito, na comparação de textos diferentes, na interpretação das principais ideias de um texto e, uma das possibilidades a ser considerada é não menosprezar a capacidade que cada indivíduo tem de dominar uma determinada variedade linguística, como diz Luft (1985, p. 90): “[...] podemos dizer que, em linguagem, somos todos autodidatas antes de mais nada.”

I Encontro de iniciação à prática docente

Parece até contraditório diante do que foi tratado anteriormente, sempre apontando para uma dimensão social no uso da língua. Mas é exatamente esse respeito ao domínio que o indivíduo já tem da língua que o possibilitará tomar conhecimentos de outras variedades de uso. O que constatamos, do ponto de vista normativo é que, muitas vezes a Escola desconsidera o que o aluno já sabe e simplesmente considera errado essa variedade e, assim, a Escola institui uma forma linguística bem diferente daquela que o aluno já domina. E, por isso, Luft (1985, p. 90) ainda acrescenta que: “[...] esse ensino formal é feito com vistas ao comportamento em sociedade [...]”. Podemos considerar que a habilidade de usar a língua em diversas situações deve ser o papel principal da prática docente.

Desse modo, percebemos que é o uso efetivo da língua que efetiva a competência do usuário, já que somente pela interação é possível demonstrar que o indivíduo domina mais de uma variedade, quer seja a do grupo social a que pertence, quer seja a norma culta ou formal.

Para Bakhtin, todo discurso é social, pois jamais haverá diálogo se não houver, pelo menos dois indivíduos envolvidos no discurso, pois para Bakhtin (2006, p. 113): “[...] A enunciação é de natureza social.”

Além da complexidade que envolve os estudos em Linguística, como passar de visão de língua homogênea para visão heterogênea, muito mais próximo do objetivo de uso da língua? A prática docente no ensino de línguas deve priorizar o dialogismo, pois assim será possível considerar as várias modalidades que determinam as diversas formas de gramáticas que constituem uma língua como a internalizada, a normativa, a universal e todas elas são determinantes para os usuários.

Além disso, a ênfase que é dada ao texto literário, como referência para o bom uso da língua é equivocada, pois além de ser apenas mais uma das variedades textuais, é um texto que tem as suas especificidades no que se refere à linguagem. A oralidade faz parte das discussões lingüísticas, no que diz respeito ao valor dessa forma de uso da língua, tendo em vista que há uma gramaticalidade específica que rege a conversação e aí está o caminho para a aprendizagem de outras variedades ou formas linguísticas.

Na vigência desta monitoria em Língua Portuguesa, a observação, o acompanhamento dos alunos que tinham alguma dúvida serviu-me para estabelecer uma atividade dialógica na busca de alternativas para atenuar ou resolver essas dúvidas. Por isso, essa atividade é muito proveitosa para esses alunos como também para o monitor que precisa estar atualizado sobre o conteúdo.

Outro ponto relevante é a interação entre o monitor e o orientador que proporciona um aprofundamento maior da disciplina, isso ocorre com as leituras complementares e as reuniões para discutir as dificuldades e as alternativas e, por isso essas práticas trazem experiências enriquecedoras e renovadoras. E ainda há uma relação entre o monitor e os professores que ministram a(s) disciplina(s), no meu caso três professores diferentes, o que torna uma experiência valiosa, já que há a possibilidade de rever os assuntos já estudados na disciplina e também o aprofundamento significativo por meio dessa interação.

Sem dúvida, a monitoria é uma ferramenta que continuará incentivando a prática docente na Escola e na Universidade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem [1929]. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

I Encontro de iniciação à prática docente

FARACO, Carlos Alberto. Por uma pedagogia da variação lingüística. In: FARACO, Carlos Alberto et al. **A Relevância Social da Linguística: linguagem, teoria e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007, p. 21-50.

KLEIMAN, Angela Bastos; SIGNORINI, Inês. **O Ensino e a Formação do Professor: Alfabetização de Jovens e Adultos**. 2 ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral** (1916). 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A relevância social dos estudos lingüísticos e ensino de língua. In: FARACO, Carlos Alberto et al. **A Relevância Social da Linguística: linguagem, teoria e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007, p. 110-135.

LUFT, Celso Pedro. **Língua & Liberdade: por uma nova concepção da língua materna e seu ensino**. Porto Alegre: L & PM, 1985.